

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

O ELITE RESOLVE



FUVEST 2005
2ª FASE - PORTUGUÊS

**“Se os seus sonhos estiverem nas nuvens, não se preocupe,
pois eles estão no lugar certo. Agora construa os alicerces.”**

William Shakespeare

www.elitecampinas.com.br

(19) 3251-1012

QUESTÕES

1. Leia o seguinte texto:

Verão excessivo

Eu sei que uma andorinha não faz verão, filosofou a andorinha-de-barriga-branca.

Está certo, mas agora nós somos tantas, no beiral, que faz um calor [terrível, e eu não agüento mais!]
(Carlos Drummond de Andrade – **Contos plausíveis**)

- a) Com base na queixa da andorinha-de-barriga-branca, reformule o provérbio “Uma andorinha não faz verão”.
- b) Está adequado o emprego do verbo “filosofou”, tendo em vista que ele se refere ao provérbio citado no texto? Justifique sucintamente sua resposta.

SOLUÇÃO:

a) O provérbio reformulado seria **muitas andorinhas fazem verão, ou muitas andorinhas juntas acabam por fazer um verão**, ou ainda, **muitas andorinhas juntas acabam por fazer um calor terrível**.

b) Sim, tendo em vista o fato da andorinha literalmente julgar que o excesso de aves no beiral aumentou terrivelmente o calor, não se atendo apenas ao provérbio, mas fazendo novas reflexões sobre ele. Do ponto de vista da forma, podemos destacar que a aparente discrepância do **eu** (1ª pessoa) versus **filosofou** (3ª pessoa) se justifica, porque o autor opta pelo discurso direto.

2. Leia o seguinte texto:

Os irmãos Villas Bôas não conseguiram criar, como queriam, outros parques indígenas em outras áreas. Mas o que criaram dura até hoje, neste país juncado de ruínas novas.

- a) Identifique o recurso expressivo de natureza semântica presente na expressão “ruínas novas”.
- b) Que prática brasileira é criticada no trecho “país juncado (=coberto) de ruínas novas”?

SOLUÇÃO:

a) Ocorre o recurso semântico denominado antítese, pois opõe duas idéias: *ruínas* (o antigo) e *novas* (o atual).

b) O trecho critica o fato de edifícios recém construídos e que caíram devido à falta de competência de engenheiros e construtores diferentemente das ruínas que se deterioraram com o tempo. Além disso, vale lembrar o tradicional descaso, comum no Brasil, em relação ao patrimônio histórico-social que implica degradação e, por vezes, até depredação desse patrimônio, gerando “novas ruínas”.

3. *Costuma-se exaltar a cabeça como fonte da razão e denunciar o coração como sede da insensatez, como músculo incapaz de ter autocrítica e de ser original. Que seja assim. E daí? Nada pior do que uma idéia feita, mas nada melhor do que um sentimento usado. A cabeça pode gostar de novidade, mas o coração adora repetir o já provado. Se as idéias vivem da originalidade, os sentimentos gostam da redundância. Não é por acaso que o prazer procura repetição.*

(Zuenir Ventura. **Crônicas de fim de século**)

- a) Substitua a expressão “Que seja assim” por outra de sentido equivalente, tendo em vista o contexto.
- b) Explique por que o autor considera que tanto a **novidade** quanto a **redundância** podem ser desejáveis.

SOLUÇÃO:

a) Seriam adequadas respostas como: “amém”, “assim seja”, “que isso esteja correto” e outras que tenham o mesmo sentido.

b) O autor considera que tanto a novidade quanto a redundância podem ser desejáveis porque satisfazem a diferentes necessidades, assim a **cabeça** busca através da curiosidade, da razão as idéias novas, ou seja, a novidade pode ser desejável por satisfazer à razão; já o **coração adora repetir o já provado**, isto é, a redundância é desejável por satisfazer o coração. Obviamente, os termos cabeça e coração estão em sentido figurado, significando, respectivamente, “razão” e “sentimento”.

4. Sobre o emprego do gerúndio em frases como “Nós vamos estar analisando os seus dados e vamos estar dando um retorno assim que possível”, um jornalista escreveu uma crônica intitulada “Em 2004, gerundismo zero!”, da qual extraímos o seguinte trecho:

Quando a teleatendente diz: “O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação”, ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que “eu vou estar transferindo” é errado e “ela está falando bonito” é certo.

- a) Você concorda com a afirmação do jornalista sobre o que é certo e o que é errado no emprego do gerúndio? Justifique sucintamente sua resposta.
- b) Identifique qual de seus vários sentidos assume o sufixo empregado na formação da palavra “gerundismo”. Cite outra palavra em que se utiliza o mesmo sufixo com esse mesmo sentido.

SOLUÇÃO:

a) Tomando como referência a forma aceita pelas normas gramaticais, sim. Ao utilizar o **gerundismo** (ESTAR + GERÚNDIO) para se referir a uma ação futura, a teleatendente comete um vício de linguagem, sendo que, seguindo a norma culta deveria utilizar apenas infinitivo. Na segunda construção, ocorre a indicação de ação em andamento, que, de acordo com a norma culta, requer o uso de gerúndio.

b) No caso, o sufixo **-ismo** assume o sentido de **mania, moda**.

A palavra *modismo* seria um exemplo.

(Obs.: Há vários outros exemplos que podem aparecer como *estrangeirismo, consumismo* etc.)

5. Graciliano Ramos, em seu livro **INFÂNCIA**, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino.

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

a) Ao se referir às violências sofridas quando menino, o autor compara-as a elementos da natureza (*chuva, sol, céu*). O que mostra ele, ao estabelecer tal comparação?

b) Esclareça o preciso significado, no contexto, da expressão “fechava-se o doce parêntese”.

SOLUÇÃO:

a) A comparação serve para dar a idéia de implacabilidade, irreversibilidade das violências sofridas, além de exprimir o descontrole sobre tais fatos, ou seja, o autor era apenas o alvo, o objeto das violências, não podendo influenciá-las ou evitá-las.

b) A expressão indica que os carinhos da mãe e as histórias do pai eram exceções raras – o que é demonstrado pelo termo *parêntese*. O termo *doce* indica que estes momentos eram bons quando aconteciam. Já o elemento *fechava-se* indica precisamente o momento em que se acabavam os bons e raros momentos novamente, em pancadas e gritos.

6.

Às seis da tarde

*Às seis da tarde
as mulheres choravam
no banheiro.
Não choravam por isso
ou por aquilo
choravam porque o pranto subia
garganta acima
mesmo se os filhos cresciam
com boa saúde
se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura
era só o que sobrava
dos seus sonhos.*

*Agora
às seis da tarde
as mulheres regressam do
trabalho
o dia se põe
os filhos crescem
o fogo espera
e elas não podem
não querem
chorar na condução.*

(Marina Colasanti – **Gargantas abertas**)**Basculante** = um tipo de janela.**Gastura** = inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorde com essa afirmação? Justifique sucintamente.

b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorde com essa afirmação? Justifique sucintamente.

SOLUÇÃO:

a) Sim. A condição subjetiva da mulher não se alterou de forma substancial. As transformações ocorreram em sua realidade objetiva, o que é demonstrado no texto pela dupla jornada (o retorno do trabalho e o fogo – ou fogão – que a espera). A autora demonstra uma visão bastante crítica em relação a esta situação, demonstrando também que a mulher está hoje sujeita a novas cobranças, típicas do universo masculino: no presente a mulher não pode mostrar-se fraca, evitando chorar, mesmo que sua condição subjetiva lhe provoque o desejo do choro.

b) Não. Gramaticalmente, o imperfeito indica continuidade, repetição e hábito e o presente tem valor de duração, fato e hábito. No contexto, ambos apresentam as mesmas características, indicando recorrência dos fatos descritos.

7. Leia o seguinte poema de Manuel Bandeira:

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas ...
–O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

a) Aponte, no poema, dois aspectos de estilo que estejam relacionados ao tema da infância. Explique sucintamente.

b) Qual é o elemento comum entre a experiência infantil e a experiência mais adulta presentes no poema? Explique sucintamente.

SOLUÇÃO:

a) O uso de termos no *diminutivo* (ex: *bichinho*, *limpinho* etc.), em geral, empregados por falantes infantis, ou por adultos quando se referem a crianças. Outro aspecto de estilo que, de certa forma colabora para a atmosfera infantil que o poeta pretendeu criar é a *repetição de certas estruturas frasais*, semelhante a cartilhas de alfabetização (ex: *queria estar debaixo do fogão*). A associação desses dois recursos é responsável pelo singelo lirismo da temática (infância). O aluno poderia ainda explicar que esse poema lírico apresenta *aspecto narrativo* e que o eu-lírico se expressa como uma criança que conta uma estória. O desenrolar dessa pequena trama se dá num estilo condizente com o que se convencionou entender como universo infantil.

b) A resposta a este item pode ser vislumbrada principalmente a partir da interpretação do penúltimo verso *não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas*, pois tal verso é que conclui a associação *porquinho-da-índia* – primeira namorada. Trata-se, portanto, de algo que em Bandeira é recorrente, de uma releitura de um importante tema da tradição que é a *coita d'amor*, ou o sofrimento do amor não correspondido.

8. Considere os seguintes versos, que fazem parte de um poema em que Carlos Drummond de Andrade fala de Guimarães Rosa e de sua obra:

(...) ou ele mesmo [Guimarães Rosa] era
a parte de gente
servindo de ponte
entre o sub e o sobre

que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

(arcabuzeiam = lutam com arcabuzes, espingardas)

a) A luta entre Augusto Matraga e Joãozinho Bem-Bem (do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”) apresenta, conjugados, os aspectos de guerra e de festa referidos nos versos de Drummond. Você concorda com esta afirmação? Justifique sucintamente.

b) O conflito entre Turíbio Todo e Cassiano Gomes (do conto “Duelo”) apresenta essa mesma junção de aspectos de guerra e de festa? Justifique sucintamente.

SOLUÇÃO:

a) Sim. A *guerra* e a *festa*, entendidas em sua dimensão mítica, representam pontos limites, marcos de uma mudança numa dada trajetória. Em *Hora e Vez de Augusto Matraga*, o protagonista está ciente da irreversibilidade da situação (combate contra Bem-Bem e seu bando) e está ciente também de que esse é seu *destino*. Conforme explicado a ele pelo Padre: *todos têm sua hora e sua vez*. Portanto, caberia a ele próprio fazer um acerto de contas com Deus. Pela certeza de que estava fazendo o que tinha de fazer, tal *guerra*, acaba por apresentar-se como uma celebração ritual.

b) Não. No conto *Duelo*, as principais motivações para o conflito são traição e vingança.

9. Leia este trecho de **A hora da estrela**, de Clarice Lispector, no qual Macabéa, depois de receber o aviso de que seria despedida do emprego, olha-se ao espelho:

Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: *tão jovem e já com ferrugem*.

a) Neste trecho, o fato de parecer, a Macabéa, não se ver refletida no espelho liga-se imediatamente ao aviso de que seria despedida. Projetando essa ausência de reflexo no contexto mais geral da obra, como você a interpreta?

b) Também no contexto da obra, explique por que o narrador diz que Macabéa pensou “**levemente**”.

SOLUÇÃO:

a) Tal fato (não perceber o próprio reflexo no espelho) pode ser entendido como sugestão da dificuldade ou mesmo incapacidade de Macabéa de se sentir/perceber/ser real. Ou seja, dificuldade de levar-se em consideração. A certa altura, Rodrigo SM diz que *há seres que tanto existiriam como não existiriam* e noutro momento diz que *Macabéa tem uma vaga idéia da existência*. Há que ressaltar a intencional ambigüidade dessa última frase (vaga idéia – idéia vaga).

b) No contexto, tal advérbio de modo (levemente) tem ampla sugestividade. Por um lado se refere à falta de consistência e falta de densidade resultante das raras vezes em que Macabéa tentava (se) pensar. Por outro lado, sugere que a incapacidade de Macabéa se expresse principalmente em relação a pensar/sentir/perceber seu corpo físico. Ou seja, sua transparência social se manifesta claramente por não ser “percebida” pelos estranhos para os quais, às vezes sorria. Essa *nordestina de corpo cariado* não sabia que fedia e que era magra demais para manter o interesse de Olímpico de Jesus. Vale lembrar que a arte mencionada no início do texto é a música, a mais abstrata (portanto, obviamente, menos concreta – quase pura abstração). Condizente com isso o fascínio de Macabéa pela linguagem (também abstração).

10. Leia o seguinte poema de Alberto Caeiro:

Ponham na minha sepultura
Aqui jaz, sem cruz,
Alberto Caeiro
Que foi buscar os deuses...
Se os deuses vivem ou não isso é convosco.
A mim deixei que me recebessem.

- a) Identifique, no poema, a modalidade religiosa que o poeta rejeita e aquela com que tem maior afinidade. Explique sucintamente.
- b) Relacione a referência a “deuses” (plural), no poema, com o seguinte verso, extraído de outro poema de Alberto Caetano:
“A natureza é partes sem um todo”.

SOLUÇÃO:

a) Rejeita claramente o *Cristianismo* (verso 2 – *Aqui jaz, sem cruz,*) e a modalidade religiosa que ele aceita é um certo *paganismo* (sugerido no verso 4, pelo termo *deuses*, que está no plural. Vale lembrar, que em vários momentos de sua poesia, Caetano expressa um certo *panteísmo*, sistema filosófico segundo o qual, Deus é o conjunto de tudo quanto existe – daí, em parte, decorre sua disposição para “cultuar” a natureza).

b) Ao cotejarmos o termo *deuses* ao verso *A natureza é partes sem um todo*, percebemos a relação entre o termo *partes* e o termo *deuses* (ambos no plural). Relacionando isso a outros aspectos da “visão de mundo” de Caetano podemos depreender que a recusa de Caetano pelo Cristianismo passa necessariamente pela recusa ao *monoteísmo*, sugerido metaforicamente no poema pelo termo *cruz* (no singular) e que a preferência de Caetano pelo *paganismo* está expressa poeticamente através do termo *deuses* (no plural).

REDAÇÃO

Considere a foto e os textos abaixo:



Crédito foto: Jefferson Coppola / Folha Imagem (03 set. 04)

“Catraca invisível” ocupa lugar de estátua

Sem que ninguém saiba como – e muito menos o por quê – uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o “**monumento à catraca invisível**”, informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: “**Programa para a descatracalização da vida, Julho de 2004**”. (Foto anterior)

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 04 de setembro de 2004)

[**Catraca** = *borboleta*: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios etc. para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las etc.]

Grupo assume autoria da “catraca invisível”

Um grupo artístico chamado “Contra Filé” assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central).

A intervenção elevou a catraca ao *status* de monumento “à **descatracalização da vida**” e fez parte de um programa

apresentado no Sesc da Avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades.

No site do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle “biopolítico” do capital e do governo sobre os cidadãos.

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 09 de setembro de 2004)

Em *site* sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo “Contra Filé”:

“O ‘Contra Filé’ desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRACALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?” (<http://lists.indymedia.org/pipemail/cmi-brasil-video/2004-july/0726-ct.html>)

INSTRUÇÃO. Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da Internet aqui reproduzidos, a catraca que “apareceu” em uma praça de São Paulo era, na verdade, um “**Monumento à catraca invisível**”, ali instalado pelo grupo artístico “Contra Filé”, como parte de seu “**Programa para a descatracalização da vida**”. Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos. Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica?

Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

COMENTÁRIOS DA REDAÇÃO:

O tema abordado pela Fuvest é bastante presente no cotidiano do jovem brasileiro. A banca espera que o candidato discuta os controles estabelecidos, que de certa maneira, regulam sua vida diária, tais como: a catraca do ônibus, dos estádios de futebol, o controle da entrada do cinema, do teatro, da discoteca, da escola, etc.

O estudante deveria se posicionar a favor ou contra as motivações que levaram o grupo a propor o “Programa para a descatracalização da vida”.

Caso tenha se posicionado favorável às motivações do grupo, o candidato deveria levantar exemplos que mostrem um excesso de controles e, quando possível, propor alternativas a estes controles. Partindo deste ponto de vista, poderia levantar que o controle geralmente significa marginalização de alguns (ou muitos): há a restrição financeira (somente passará pela catraca, invisível ou não, do cinema, do teatro, do estádio de futebol, ... aqueles que puderem pagar o ingresso).

Vale ressaltar que a proposta poderia ser lida também de modo mais crítico, nesse sentido, o termo catraca deveria ser percebido de modo figurado, referindo-se às “catracas” impostas pelo preconceito racial, a xenofobia, às dificuldades de locomoção dos deficientes físicos, devido à falta de guias rebaixadas e transporte adequado, às restrições de renda para abertura de conta bancária, à exigência do fiador para se alugar uma casa etc.

Estas catracas acontecem nos classificados de emprego, em que se exige “boa aparência”, nos *shoppings*, cujo acesso é negado a indigentes, nos condomínios, em que somente é permitido o acesso mediante autorização de um condômino e onde muitas vezes há procedimentos constrangedores de identificação através de câmeras, retenção de documentos de identidade, etc.

Haveria a possibilidade de citar a mídia como catalisador de “catracas” através das propagandas, que difundem a idéia de que somente quem bebe determinada marca de refrigerante ou usa uma marca específica de tênis pode ser socialmente aceito, criando marginalização dos demais, ou seja, mais “catracas”.

O estudante que adotou esta linha poderia finalizar propondo como alternativa meios que universalizassem o acesso aos diversos locais (gratuidade, por exemplo) e, tanto quanto possível, desenvolver uma reflexão acerca das mudanças necessárias para que as outras “catracas” fossem eliminadas ou atenuadas, como a redução das desigualdades sociais, a tolerância às diferenças entre os indivíduos, a contemplação das minorias na criação dos bens públicos etc.

Caso assumia uma postura mais conservadora, julgando que o programa do grupo Contra Filé não se justifica, o estudante deveria defender a ordem atual das coisas, levantando aspectos positivos da

catraca, como meio de segurança ou justificação “do cidadão que paga impostos”. Para apoiar esta tese, deveria sustentar que não seria possível a ordem sem as “catracas”: o estádio, o cinema e teatro não seriam economicamente viáveis se não cobrassem pelo ingresso (a menos que fossem mantidos pelo Estado, em última instância pelos cidadãos que pagam impostos, o que poderia ser considerado injusto). O condômino ficaria exposto à violência, caso não houvesse acesso restrito. As pessoas que transitam pelos supermercados, por exemplo, ficariam expostas a mordidas de cachorros, caso o acesso com animais fosse permitido. Os bancos poderiam correr riscos relacionados ao crédito, caso não houvessem restrições à abertura de contas, os proprietários de imóveis teriam riscos insustentáveis de inadimplência etc.

Deve-se notar que o tema é bastante amplo, permitindo uma grande variedade de exemplos, além dos citados neste comentário, sendo que o mais importante seria o estudante se posicionar em relação à existência ou não do “programa para a descatracalização (...)” e justificar seus pontos de vista.